



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA
LETRAS PORTUGUÊS E RESPECTIVA LITERATURA

RAPHAEL VÍTOR MAGALHÃES

ENTRE O DESEJO E A REPRESSÃO

A dualidade entre o homoerotismo e a angústia nos contos de Caio Fernando Abreu durante a ditadura militar.

BRASÍLIA

2025

RAPHAEL VÍTOR MAGALHÃES

ENTRE O DESEJO E A REPRESSÃO

A dualidade entre o homoerotismo e a angústia nos contos de Caio Fernando Abreu durante a ditadura militar.

Trabalho final apresentado à Universidade de Brasília, como exigência parcial para obtenção do título de graduado em Letras Português e Respectiva Literatura, sob a orientação do Prof.(a) Dr.(a) Rogério da Silva Lima.

BRASÍLIA

2025

“No presente, a mente, o corpo é diferente,
e o passado é uma roupa que não nos serve mais”
(Belchior)

RESUMO

Este artigo analisa a dualidade entre desejo e angústia homoerótica nos contos "Meio Silêncio", "O Afogado", "Terça-Feira Gorda" e "Sargento Garcia", escritos por Caio Fernando Abreu durante a ditadura empresarial-militar brasileira. Busca-se explorar o contexto sócio-histórico da repressão e da censura institucionalizadas e os instrumentos de poder utilizados para perpetuar-se o poder das elites conservadoras e masculinistas, além de silenciar corpos e afetos dissidentes. Ao se examinar como o autor apresenta o homoerotismo não apenas como expressão de desejo, mas também como forma de resistência simbólica e subversiva, o presente artigo busca elucidar como, através da literatura, Caio Fernando Abreu confrontou o regime ditatorial e o pseudo conservadorismo heteronormativo em voga na sociedade. Baseando-se nos ideais de Michel Foucault, Judith Butler, Georges Bataille e Jean-Paul Sartre, o artigo articula uma interpretação que mescla desejo, medo, performatividade de gênero e angústia existencial. Dessa forma, a literatura de Abreu é entendida como um exercício discursivo que confronta a heteronormatividade e a lógica autoritária da ditadura, revelando a complexidade da subjetividade dissidente em uma sociedade opressora e violenta.

Palavras-chave: homoerotismo; angústia; desejo; ditadura; Caio Fernando Abreu.

RESUMEN

Este artículo analiza la dualidad entre el deseo y la angustia homoerótica en los relatos "Meio Silêncio", "O Afogado", "Terça-Feira Gorda" y "Sargento Garcia", escritos por Caio Fernando Abreu durante la dictadura empresarial-militar brasileña. Se busca explorar el contexto sociohistórico de la represión y la censura institucionalizadas y los instrumentos de poder utilizados para perpetuar el poder de las élites conservadoras y masculinistas, además de silenciar los cuerpos y los afectos disidentes. Al examinar cómo el autor presenta el homoerotismo no solo como expresión del deseo, sino también como forma de resistencia simbólica y subversiva, el presente artículo busca dilucidar cómo, a través de la literatura, Caio Fernando Abreu confrontó al régimen dictatorial y al pseudoconservadurismo heteronormativo en boga en la sociedad. Basándose en los ideales de Michel Foucault, Judith Butler, Georges Bataille y Jean-Paul Sartre, el artículo articula una interpretación que mezcla deseo, miedo, performatividad de género y angustia existencial. De esta manera, la literatura de Abreu se entiende como un ejercicio discursivo que confronta la heteronormatividad y la lógica autoritaria de la dictadura, revelando la complejidad de la subjetividad disidente en una sociedad opresiva y violenta.

Palabras clave: homoerotismo; angustia; deseo; dictadura; Caio Fernando Abreu.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. A DITADURA MILITAR E A REPRESSÃO NA LITERATURA BRASILEIRA	9
1.1 Contexto político e social do período	9
1.2 A censura na produção literária	10
1.3 A literatura como forma de resistência	11
2. O HOMOEROTISMO NA LITERATURA BRASILEIRA	12
2.1 Definição de homoerotismo	12
2.2 A emergência do homoerotismo na literatura contemporânea: subversão e resistência	14
3. ANÁLISE DOS CONTOS DE CAIO FERNANDO ABREU: MEIO SILÊNCIO, O AFOGADO, TERÇA-FEIRA GORDA E SARGENTO GARCIA.	16
3.1 Silêncio e repressão: o desejo homoerótico nos contos da década de 70	16
3.2 Vozes mais livres: o desejo homoerótico nos contos da década de 80	21
CONCLUSÃO	27
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS	29

INTRODUÇÃO

As subjetividades silenciadas sempre encontraram espaço de manifestação na literatura. Em contextos de repressão política e moral, como vivenciado durante a ditadura empresarial-militar¹ brasileira, 1964-1985, a escrita literária torna-se importante mecanismo de resistência em oposição à censura, às perseguições e ao controle ideológico. A escrita literária assume, então, papel crucial nas reações às imposições autoritárias ao dar voz a movimentos minoritários e fomentar discursos contrários à tirania do regime. Entre as temáticas que emergem das entrelinhas dessas produções literárias, destacam-se as sexualidades dissidentes e o desejo homoerótico, constantemente rechaçados à marginalidade, mas nunca ausentes.

As inquietações referentes à homossexualidade e ao homoerotismo antecedem o regime ditatorial brasileiro. No final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, com o avanço das ciências médicas e psiquiátricas, a homossexualidade passou a ser compreendida como transtorno mental, desvio de conduta e degeneração moral. A patologização do comportamento homossexual mediante autoridades médicas e jurídicas visava associar o sujeito dissidente à subversão e a possíveis riscos à segurança nacional (COWAN, 2014). Desta forma, legitimavam-se práticas de vigilância e controle, além da violência simbólica e física, mediante tratamentos invasivos e “atos correccionais”. Assim, estava institucionalizado um discurso que viria a se intensificar durante a ditadura militar.

Partindo dessa premissa, este trabalho propõe uma análise da dualidade entre o desejo homoerótico e a angústia na literatura de Caio Fernando Abreu, mais especificamente nos contos “Meio silêncio”, “O Afogado”, “Terça-feira Gorda” e “Sargento Garcia”. Um dos escritores mais expressivos da literatura contemporânea brasileira, Abreu discute os impulsos da constante tensão entre o homoerotismo e as inquietações diante da opressão do contexto social vigente à época. Sua escrita não se restringe à expressão do desejo: o medo, a solidão e a melancolia ajudam a compor um retrato sensível de sujeitos marcados pela exclusão e pela vivência à margem do corpo social. Ao se analisar tal dualidade, propõe-se uma leitura para a compreensão do homoerotismo além da simples representação do desejo, mas também como forma de resistência simbólica e subversão discursiva. Em seus contos, Caio Fernando Abreu

¹ Optamos por utilizar a terminologia “empresarial-militar” ao se referir a ditadura brasileira para enfatizar o papel do empresariado e da elite na construção e na manutenção do golpe de Estado que perdurou por vinte e um anos no país. A terminologia tem como base teórica os estudos do historiador brasileiro Pedro Campos, que visa responsabilizar o empresariado nacional antes, durante e após o regime facista ditatorial brasileiro. Para maior aprofundamento do tema, recomenda-se a leitura do livro de Pedro Campos *Estranhas Catedrais: as empreiteiras brasileiras e a ditadura civil-militar (1964-1988)*.

manifesta o comportamento homoerótico através da linguagem corporal e da afetividade, do medo e da repulsa, da crítica e do rechaço.

Dado o contexto histórico da ditadura empresarial-militar, marcada pela censura e repressão às manifestações artísticas, bem como as definições teóricas de homoerotismo, desejo e angústia, passamos, então, à análise crítica dos contos selecionados de Caio Fernando Abreu. Esta seção será estruturada em dois pontos: o primeiro abordará os contos publicados na década de 1970, “Meio Silêncio” e “O Afogado”; o tópico seguinte se dedicará a análise dos contos da década de 1980, “Terça-feira Gorda” e “Sargento Garcia”; por fim, na conclusão, apresentaremos uma breve consideração comparativa entre os contos com o intuito de destacar as semelhanças e diferenças, e a permanência e transformação nas representações do desejo homoerótico ao decorrer do período em questão à luz das tensões sociopolíticas e subjetivas enfrentadas pelos personagens de Abreu.

Para tanto, esta pesquisa adota uma abordagem qualitativo-interpretativa, com base na leitura crítica e análise textual dos contos citados anteriormente. Como referencial teórico o seguinte trabalho apoia-se em autores que corroboram com uma interpretação da obra de Caio Fernando Abreu como prática discursiva resistente à norma heterossexual compulsória, como descrito por Judith Butler (1990), além de requerer formas alternativas de subjetivação e expressão do desejo. Outro autor que reforça tal vertente de pensamento, Trevisan (2000), investiga a trajetória da homossexualidade na historiografia brasileira, narra a patologização, o apagamento e criminalização do comportamento lido como anomália e contraventista aos ideais da sociedade. Entende-se, então, que a escrita homoerótica de Abreu se insere em um contexto de longa duração de marginalização, mas sem fixar-se a essa ambientação, indo além, é uma escrita de objeção sociocultural.

Desta forma, os contos que compõem o *corpus* desta pesquisa, marcados pela subjetividade, pela maneira oblíqua, visceral e profundamente carnal, são examinados com o objetivo de compreender como Caio Fernando Abreu lidou com a censura e a repressão durante o regime militar por meio da ficção. Investiga-se, também, como a imposição de uma padronização comportamental influenciou a construção de sua escrita, bem como de que forma o processo de abertura democrática, na década de 1980, contribuiu para alimentar um sentimento pungente de liberdade em suas obras. Tais questões orientam as análises propostas ao longo deste trabalho. Assim, este estudo pretende contribuir para o aprofundamento de discussões a respeito da literatura enquanto espaço de resistência e valorização de vozes historicamente silenciadas, como aquelas que permeiam as margens do desejo e da linguagem.

1. A DITADURA MILITAR E A REPRESSÃO NA LITERATURA BRASILEIRA

1.1 Contexto político e social do período

O golpe empresarial-militar instaurado em 1964 no Brasil teve como base ideológica restaurar a ordem e combater tudo o que ameaçava a estabilidade política, econômica, social e moral do país. Entretanto, tal discurso apenas encobria o real motivo da implementação de um sistema autoritário. Com a chegada de João Goulart à presidência, em 1961, entre as propostas do poder executivo estava um conjunto intitulado *Reformas de base*, as quais buscavam transformar profundamente a estrutura socioeconômica e política no Brasil (BONES, 2020). Essas reformas incomodaram as elites perante uma possível perda de privilégios tendo vista a ascensão social da população brasileira que, atreladas ao apoio de setores conservadores da sociedade, como a Igreja Católica e a grande imprensa, viam no governo de João Goulart uma ameaça aos “valores tradicionais”. Pontua-se também o apoio e pressão dos Estados Unidos, dentro da lógica da Guerra Fria, para distanciar o Brasil de um governo nacionalista e da expansão socialista após a Revolução Cubana.

Dado tal contexto, na noite de 31 de março de 1964, tropas do exército iniciaram movimentação em Minas Gerais em direção ao Rio de Janeiro, onde encontrava-se o presidente João Goulart. O chefe de Estado empenhou-se na articulação de uma resistência com base legalista, entretanto, sem obter sucesso diante da falta de apoio militar e da pressão golpista. Assim, estava instaurado um sistema autoritário que perdurou no Brasil por vinte e um anos, até 1985.

Nos anos que sucederam o golpe e a derrocada do processo democrático, estabeleceu-se um regime fundamentado em Atos Institucionais, a exemplo do Ato Institucional nº. 5 (AI-5), decretado em 13 de dezembro de 1968, permitindo o fechamento do Congresso Nacional, cassação de mandatos políticos, censura à imprensa e às artes, e revogação de direitos civis e restrição de liberdades públicas. A perseguição ditatorial não se limitou à oposição, atuou, também, na tentativa de impor uma norma comportamental considerada “aceitável”, pautada em valores conservadores, patriarcais e heteronormativos. A censura procurou criar um Brasil “perfeito”, alinhado com valores e a ideologia do regime. Essa visão de perfeição foi elaborada através da repressão e supressão de elementos tidos como “subversivos”, tais como o comunismo e a homossexualidade (GASPARI, 1978).

A moral conservadora era um dos pilares do regime, base para práticas de controle sociocultural. A homossexualidade, e por consequência o homoerotismo, era visto como

“estratégia sub-reptícia e deliberada dos inimigos do estado e da sociedade”, como descreve Renan Quinalha, advogado e assessor da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo “Rubens Paiva” e organizador do livro *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. É por meio do controle sociocultural que regimes autoritários fundamentam a manutenção do poder e da legitimidade de suas ações, homogeneizando o pensamento e criando uma identidade nacional coesa com o discurso do regime.

1.2 A censura na produção literária

Entre 1964 e 1968, a produção cultural no Brasil, incluída a literária, foi marcada por uma paradoxal atuação de uma ditadura de direita e uma produção cultural com teor revolucionário de esquerda (REIMÃO, 2011). Deve-se a isso a ausência de critérios claros que levariam uma obra a ser censurada, junto ao amadorismo e a inconsistência da censura à época, a falta de especialização dos censores e foco em temas explícitos, a exemplo de obras políticas contrárias ao regime e conteúdos tidos como moralmente “inadequados.” Ademais, como salienta Roberto Schwarz, o regime pretendia “preservar a cultura, mas liquidar seu contato com a massa operária e camponesa”, assim preservando seu domínio sobre a população (SCHWARZ, 2009, p. 63).

Porém, a promulgação do AI-5 foi um ponto de inflexão na ditadura, definindo o começo de sua fase mais repressiva. O decreto formalizou e centralizou no poder executivo a censura, deste modo, o governo possuía autoridade legal de controle sobre as mais diversas formas de mídia, incluindo a literária. Assim, órgãos censores, como a Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP), passaram a atuar de modo mais organizado na repressão a pautas lidas como dissidentes. A censura prévia tornava obrigatório que obras artísticas e jornalísticas deveriam ser submetidas a censores do governo para aprovação *posterior* a serem tornadas públicas, visando impedir que vozes e discursos contrários ao regime alcançassem a população.

Diante desse cenário, um levantamento realizado por Sandra Reimão contabiliza pelo menos 492 obras censuradas entre 1964 e 1985. Esse número pode ser ainda maior dado a autocensura praticada por editoras para evitar possíveis represálias ante o regime. Dentre os profissionais censurados, destaca-se Ênio Silveira, proprietário da Editora Civilização Brasileira, perseguido e preso pelo regime por “crime de subversão” e “delito de opinião”. Cassandra Rios é tida como a escritora mais censurada da história do Brasil, nas quais 36 de suas obras estavam censuradas durante o período autoritário. Sua literatura, conforme o

regime alegava, estaria atraindo, desviando e direcionando todos os jovens à homossexualidade (FERNANDES, 2014). Perseguida, condenada à prisão e com milhares de livros retirados das prateleiras, Cassandra Rios lutou diretamente contra um regime que pretendia silenciá-la e apagar suas obras de conteúdo político e homoerótico lésbico para “preservar a juventude”.

Portanto, a censura durante o período militar refletia a tentativa de controle de ideias e silenciamento de possíveis dissidências, além de perpetuar a ideologia do governo.

1.3 A literatura como forma de resistência

Em um período no qual os meios de comunicação eram fortemente controlados, a literatura emergiu como um dos mais significativos instrumentos de resistência cultural e política. Entremeio ao autoritarismo e silenciamento, escritores dos mais diversos gêneros passaram a se valer de estratégias como a metáfora, a ambiguidade e a alegoria para burlar a aparelhagem censória e, direta ou indiretamente, expressar críticas ao regime vigente, pois um dos papéis da arte é trazer à luz aquilo que a ideologia em voga repele ou esquece (BOSI, 1996).

O aparato repressivo do Estado enfrentava a literatura enquanto forma de reflexão das tensões sociopolíticas. Temáticas como o medo, a angústia, as desigualdades estruturais e a marginalização de corpos e subjetividades dissidentes, constituíam um espaço de privilégio para a elaboração simbólica das vivências, muitas vezes traumáticas, sob a tirania do Estado.

Por conseguinte, autores como Hilda Hilst, Rubem Fonseca, Cassandra Rios e Caio Fernando Abreu tornavam evidente a tenuidade entre o íntimo e o político, o público e o privado, ao produzir obras subjetivas e multifacetadas em um terreno fértil para a denúncia e a crítica velada. Tais obras se propõem ou são lidas enquanto narrativas de resistência, tendo como base a ética de quem a escreve, como relata Alfredo Bosi ao dizer “a escrita resistente [...] decorre de um *a priori* ético, um sentimento do bem e do mal, uma intuição do verdadeiro e do falso, que já se pôs em tensão com o estilo e a mentalidade dominantes” (1996, p. 22). Logo, há sempre, minimamente que seja, um pedaço do autor e de suas vivências na escrita de resistência, perseverando, solitária muitas vezes, diante da coibição. Assim é a obra de Caio Fernando Abreu, repleta de lirismo e subjetividade, denunciando a marginalização e a violência simbólica experimentada por indivíduos dissidentes. Apesar do medo e da repressão, Caio discutiu temas como o desejo homoerótico, a solidão e a angústia existencial, criando personagens que questionavam as normas estabelecidas pela ditadura.

Portanto, durante o regime militar, a produção literária não só resistiu à censura, mas também estabeleceu a literatura como um meio legítimo de confrontação política, tendo em vista as limitações que o jornalismo periódico enfrentava (LAVORATI, 2015). Escritores adotaram um posicionamento ético e estético de resistência, demonstrando que, mesmo quando a liberdade é restringida, a arte encontra meios para se manifestar. Assim, a literatura brasileira desempenhou um papel crucial na manutenção da memória, da crítica e da esperança em tempos de opressão.

2. O HOMOEROTISMO NA LITERATURA BRASILEIRA

2.1 Definição de homoerotismo

Tendo sido apresentado o contexto sociocultural da ditadura empresarial-militar na seção anterior, passamos agora a tratar do outro elo central que conduz esta pesquisa: o homoerotismo. As relações entre pessoas do mesmo sexo, sendo elas sociais, afetivas ou eróticas, são compreendidas de formas distintas a depender da época e ideologia dominante. Michel Foucault, em *História da Sexualidade*, destaca que tais concepções são moldadas pelos contextos históricos e pelas relações de poder e saber. Esta observação torna-se evidente logo no primeiro capítulo:

Diz-se que no início do século XVII ainda vigorava uma certa franqueza. As práticas não procuravam o segredo; as palavras eram ditas sem reticência excessiva e, as coisas, sem demasiado disfarce; tinha-se com o ilícito uma tolerante familiaridade. [...] Gestos diretos, discursos sem vergonha, transgressões visíveis, anatomias mostradas [...] os corpos "pavoneavam". Um rápido crepúsculo se teria seguido à luz meridiana [...] A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. [...] A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. [...] No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. [...] E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este status e deverá pagar as sanções.

(FOUCAULT. 1999. p. 9-10)

Assim, o homoerotismo é um conceito que desafia categorias normativas de sexualidade, identidade e moral, articulando as ideias de repressão, poder, linguagem e desejo. Desejo que não seja apenas um impulso natural, mas uma construção discursiva atravessada pelas relações de poder (FOUCAULT, 1999). Estas mesmas relações de poder fomentaram a construção da identidade homossexual no século XIX, não como reconhecimento, mas como mecanismo de controle. A relação erótica entre pessoas do mesmo sexo, antes vista como

prática, passa a ser entendida enquanto essência, o desejo torna-se identidade e o corpo um símbolo de desvio.

Por conseguinte, o homoerotismo ao desafiar a hegemonia heterossexual, que se afasta do desejo e alinha-se unicamente a reprodução, torna-se refém da repressão. Faz-se necessário diferenciar os conceitos de homoerotismo e homossexualidade, antes de prosseguirmos com nossa análise. Para Osmar Pereira Oliva, o homoerotismo é uma dimensão estética e sensorial do desejo e da atração entre pessoas do mesmo sexo, enquanto a homossexualidade refere-se a parte da identidade do indivíduo e das práticas sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo (OLIVA, 2017). Desse modo, o homoerotismo está ligado a expressão de desejo e do sublime, da idealização do outro, já a homossexualidade é a orientação sexual que implica na atração e nas relações entre indivíduos semelhantes.

Seguindo com nossa análise, nota-se a existência de um exercício de poder que atua sobre corpos e subjetividades dissidentes, uma moral, tradicionalmente judaico-cristã, paira sobre o ocidente como uma força que nega os instintos básicos da vida, dentre eles o desejo, promove a culpa e a visão pessimista da existência (NIETZSCHE, 2009, p. 22). Neste ponto, se entrelaçam os conceitos traçados por Foucault e Nietzsche. Ambos filósofos apontam a existência de um poder que visa domesticar os corpos e controlar os impulsos humanos. A sexualidade, o erotismo e o desejo convertem-se no inimigo necessário à moralidade do ressentimento, é a fonte de validação do “bem” (neste caso o comportamento heterossexual) que “reclama para si seu inimigo como uma distinção” (NIETZSCHE, 2009, p. 24), uma oposição ao “mau”: o homossexual e o homoerótico.

O homoerotismo desafia por duas vezes a moral repressiva: enquanto transgressão a norma heterossexual e como afirmação do desejo e do prazer como experiências legítimas da existência humana, quebrando a lógica de culpa e pecado impostas por relações de poder e saber de uma sociedade pseudoconservadora. Deste modo, a compreensão do homoerotismo sob a visão de Foucault e Nietzsche, permite além elucidar os mecanismos de controle da sexualidade, também afirmar o desejo enquanto forma de resistência à heteronormatividade.

Mas, além do conceito de homoerotismo e as relações de poder e saber, devemos destacar brevemente o homoerotismo enquanto articulação de práticas sociais e vivências pessoais. José Carlos Barcellos, enfatiza o homoerotismo não como realidade fixa ou pré-existente, mas como um comportamento social sem ligação necessária com a sexualidade. Com isso, compreende-se a diferenciação entre homoerotismo e homossexualidade: o primeiro está relacionado intrinsecamente ao desejo e a atração sem implicância de uma identidade ou prática sexual, usualmente ligado a um contexto mais amplo, sociocultural e

artístico; o segundo, é uma identidade sexual do indivíduo que sente-se atraído romântica, emocional e sexual por pessoas do mesmo sexo. Ao se diferenciar as duas terminologias, destaca-se a preferência de escolha do termo homoerotismo, ainda segundo Barcellos, pois:

é imprescindível para qualquer trabalho que não se atenha exclusivamente a uma forma específica e bem delineada de relação ou identidade homoerótica, como a pederastia grega, a sodomia medieval ou as identidades gays contemporâneas. [...] É imprescindível percebermos que não estamos diante de rótulos, mas sim, de conceitos elaborados a partir de diferentes marcos teóricos e posicionamentos políticos.

(BARCELLOS, José Carlos. 2006, p. 22-33).

Portanto, ao compreender o homoerotismo como uma construção histórica, discursiva e social, passamos a concepção além de categorização de análise, mas também como uma ferramenta de subversão contra a normatividade imposta pelas estruturas de poder. Torna-se evidente que o desejo homoerótico transcende categorias fixas de identidade sexual e se torna uma força de resistência, expressão estética e vivência individual. Nesse sentido, o estudo do homoerotismo não apenas critica mecanismos de opressão, mas também valoriza experiências marginais que afirmam o direito de ser, existir e desejar.

2.2 A emergência do homoerotismo na literatura contemporânea: subversão e resistência

Seguimos, nessa seção, com a análise do homoerotismo, mas agora no âmbito da literatura brasileira. Após a segunda metade do século XX, devido ao avanço dos movimentos contraculturais, a exemplo do movimento de libertação sexual e dos debates sobre diversidade sexual e de gênero, a literatura homoerótica passou a ocupar espaço de maior visibilidade e se manifestar de modo mais complexo e explícito. Primordialmente, a produção literária homoerótica desponta como um espaço de contestação e afirmação de existências silenciadas, assim, reside em sua concepção de literatura uma articulação crítica da realidade sociopolítica, confrontando ideologias dominantes ao oferecer perspectivas distintas (BOSI, 1996) em um contexto onde relações e comportamentos homoeróticos e/ou homossexuais eram frequentemente criminalizados e patologizados e, um dos instrumentos estatais de justificativa para crise socioeconômica enfrentada pelo Brasil, como postulado anteriormente.

Entretanto, burlando a repressão institucionalizada e o pseudo conservadorismo, a escrita literária homoerótica rende espaço para as subjetividades historicamente marginalizadas, em meio a um discurso heteronormativo compulsório. Com isso, surge um

espaço discursivo para afetos e desejos entre sujeitos do mesmo sexo, e indo além, revelando-se enquanto estratégia política e estética contra a hegemonia social.

É pertinente compreender que a literatura exerce, além do reflexo da realidade social, mas também, uma área de disputas políticas e simbólicas, na qual diferentes formas de subjetividade e experiência podem ser articuladas. Foucault argumenta que os discursos que circulam socialmente são parte da construção dos sujeitos e das formas de poder que os atravessam, desse modo, a literatura homoerótica enquanto representação de corpos e desejos divergentes, atua com meio de resistência a uma ordem que normatiza a sexualidade ao delinear o que é ou não aceitável.

Dada tal perspectiva, permite-se o entendimento do homoerotismo literário não apenas como mimese do desejo, mas como manifestação estética, tensionando os limites da moralidade e procedendo entre o silêncio imposto e a enunciação subversiva. A performance do desejo está longe de ser simples expressão de algo preexistente e essencial ao ser humano, mas é um ato reiterativo, crucialmente como ponto de dissonância das normas sociais estabelecidas (BUTLER, 2003). Portanto, a performance do desejo, neste caso o homoerótico, é um fenômeno social saturado de potencial político. Com isso, a escrita literária homoerótica imbrica além da representação do desejo entre sujeitos do mesmo sexo, em uma atuação política contra a normatividade vigente.

Por conseguinte, autores como Caio Fernando Abreu são primordiais na consolidação de uma literatura que eleva o homoerotismo à condição de gesto estético e político de resistência. Em suas narrativas carregadas de uma linguagem ambígua, são construídos personagens que vivem a angústia do desejo interrompido em meio à vigilância moral e política, Abreu infringe os limites do dizível, expõe o homoerotismo como experiência humana legítima. A literatura homoerótica brasileira emerge “como uma resposta ao silêncio imposto, um gesto de desobediência linguística e existencial” (TREVISAN, 2018, p. 296), assim, se constitui enquanto prática transgressora ao dar voz a sujeitos historicamente relegados à invisibilidade. Deste modo, deve-se compreender além da expressão de um desejo impedido, mas como afirmação de subjetividades dissidentes, como resistência ativa mediante as formas de controle e apagamento impostas pela ordem social hegemônica.

3. ANÁLISE DOS CONTOS DE CAIO FERNANDO ABREU: MEIO SILÊNCIO, O AFOGADO, TERÇA-FEIRA GORDA E SARGENTO GARCIA.

3.1 Silêncio e repressão: o desejo homoerótico nos contos da década de 70

Caio Fernando Abreu não abordava a ditadura de maneira explícita em boa parte de sua obra, pelo contrário, utilizava a sutileza enquanto arma de enfrentamento à repressão. Suas narrativas são permeadas por um tom oblíquo, uma claustrofobia constante que segue suas personagens em meio a tensão e a vigilância, personagens essas que por diversas vezes estão à margem da sociedade, emocionalmente instáveis e fragmentadas em suas próprias identidades, carregando os sintomas de um tempo doente. Mas Abreu não se limita a estas temáticas, é um autor de pluralidades, escreve sobre tudo, não se prende a um único tópico. Nas palavras do mesmo:

A ambiguidade e a indefinição são constantes em meu trabalho. Quando escrevo, escrevo sobre tudo e para todos, não privilegia nada nem ninguém. Por isso, recuso-me a ser encaixado nesse rótulo, não quero me encaixar em nenhuma prateleira. Já fui visto como *beat*, depois como autor psicológico, depois como autor gay. Acho tudo isso uma bobagem.
(ABREU, Caio Fernando. 1995, p. 5-7).

Apesar de publicar desde 1966, é a partir da década de 1970 que sua obra torna-se mais crítica e subversiva. O homoerotismo emerge como parte de uma estrutura de inquietação, desejo e ameaça a uma ordem repressiva heteronormativa. Desse modo, Caio Fernando Abreu, ao mergulhar na temática homoerótica e capturar as angústias de uma geração fragilizada e de uma minoria sem voz e patologizada, transgrede e transcreve a realidade de maneira crua e experiencial, assim como a vida do próprio autor. Com isso, percebe-se a existência de uma constante paranoia e expectativa de colapso pairando no ar. A escrita de Abreu assume um tom por vezes febril, acompanhando a vertigem de um tempo no qual o afeto é vigiado, corpos são controlados e a subjetividade é conquistada na luta. Caio Fernando Abreu combatia o sistema com personagens e situações que confrontavam os pseudo valores tradicionais impostos e defendidos pela ditadura. Desse modo, pode-se interpretar boa parte da obra de Caio Fernando Abreu como autoficção, que busca entender o *eu* em meio ao todo. Isso é defendido por Ítalo Moriconi ao dizer que esse processo se autoficção de Caio “pode se dar por meio de um narrador autobiográfico ou por um personagem (alter ego) narrado em terceira pessoa abordado do ponto de vista do seu processo de subjetivação” (MORICONI, 2001).

Antes de adentrarmos à análise dos contos, deve-se compreender os conceitos de desejo e angústia. Em Sartre, o desejo é uma manifestação elementar da consciência e da liberdade humana, não mera carência de algo que preencha um vazio, mas a própria estrutura do ser enquanto *falta*. A essência humana não é predefinida ou fixa, ao contrário, o homem

nasce sem uma essência pronta, é moldado através de suas escolhas e ações, assim, construindo uma identidade. Desse modo, Sartre argumenta que o desejo é essencialmente um *projeto de ser* que surge da consciência de que não se é (ainda) aquilo que se almeja ser, o indivíduo está em constante busca por se totalizar, por alcançar uma plenitude que é inatingível. Desejar, portanto, implica em uma negação do presente, uma projeção além do que se é, em busca do que se almeja ser (SARTRE, 2015).

Com isso, entende-se que o desejo é a força que move o indivíduo em busca da plenitude do ser, mas é nessa buscante incessante que o ser depara-se com a fragilidade da existência humana. A fragilidade da existência humana permeia a mente e os sentidos do indivíduo homoerótico, muito por sua vulnerabilidade física e social, mas também pela ausência de perspectiva de um futuro, devido às imposições heteronormativas.

“O Afogado”

Em “O Afogado”, o conto mais sutil de Abreu a ser analisado nesta pesquisa, o escritor explora a fragilidade humana por meio da solidão, da introspecção e da angústia de seu protagonista. Nesta obra, a divergir das demais, o homoerotismo encontra-se velado, podendo passar despercebido a depender da imersão durante a leitura e de que lugar o leitor encontra-se no espectro social. No conto, há inúmeros pontos que elucidam essas fragilidades envoltas pela angústia, mas atenhamo-nos a dois: a vulnerabilidade psicológica e emocional e a inabilidade de comunicação e conexão.

A melancolia e a solidão acompanham o protagonista do conto, um médico, em uma jornada de crise existencial intensificada pela chegada de um forasteiro, o afogado. A presença desse sujeito, encontrado desacordado em uma praia e levado pelo médico para ser tratado em sua casa, torna-se uma cisão na angustiada monotonia que assola o protagonista. Entretanto, a presença do forasteiro não traz alívio a sua solidão, ao contrário, acaba por intensificar os confrontos internos, o sufocando através do vazio existencial e da carência afetiva. Em meio a uma pequena cidade conformada pelo marasmo cotidiano, onde as relações são constituídas pela superficialidade, há uma sede por conexão real, que possa apaziguar os tormentos da mente humana e trazer acolhimento ao médico.

Há no ser humano uma necessidade intrínseca à sua existência, enquanto ser social, por relações com o outro. A sede por uma conexão real apresentada no conto, convergindo com o vazio existencial vivenciado pelo protagonista, aprofunda a compreensão em relação ao título, exemplificando a metáfora utilizada por Abreu para ilustrar a imersão na solidão e na

melancolia do protagonista. Maurice Merleau-Ponty, filósofo francês, argumenta que a existência humana é fundamentalmente uma existência “encarnada”: o ser humano é o próprio corpo, não apenas o tem. É através do corpo que se percebe, interage e significa a realidade na qual se está inserido (MERLEAU-PONTY, 2018). No conto de Abreu, o protagonista experiencia uma desconexão profunda com seu próprio corpo e com sua existência. Assim, compreende-se, após a leitura da obra, que o título, na verdade, está atrelado ao protagonista e não ao sujeito encontrado na praia, desse modo, percebe-se que o termo “afogado” sugere a imersão do indivíduo na solidão, na perda de controle e na impossibilidade de *ser* plenamente.

Com isso, o corpo ao invés de possibilitar a liberdade ao indivíduo acaba por servir enquanto prisão de si mesmo, não sendo mais o vínculo de uma existência fluida e conectada. O tédio e a melancolia são estados sensoriais passíveis de sensação física, agindo como peso e lentidão nos sentidos humanos, assim como o corpo experiencia ao estar se afogando. Desse modo, Caio Fernando Abreu presenteia o leitor com uma analogia entre a sensação de estar imerso e aprisionado ao próprio corpo, com a vivência do sujeito homoerótico que é impossibilitado pelas convenções sociais pseudo conservadoras de viver uma vida em plenitude entre corpo e a consciência de um ser dissidente. O desejo encontra-se então estagnado e o protagonista envolto em um ciclo de autocensura, no qual o afeto torna-se clandestino e a subjetividade do indivíduo é constantemente reprimida. Por consequência, o corpo deixa de ser espaço de prazer e expressão, e a existência torna-se conflituosa, reflexo de um tempo em que viver sua própria verdade é estar em constante risco.

Sob esta perspectiva, pode-se correlacionar “O Afogado” ao pensamento de Schopenhauer no qual o desejo humano é o princípio do sofrimento, tendo em vista a impossibilidade de saciação do mesmo. O desejo homoerótico não se concretiza, permanece enquanto tensão latente, enquanto busca incessante pelo novo e pelo outro. O protagonista, por viver em meio a monotonia conservadora, como descrito no seguinte trecho “ Mas pode ser uma criatura de maus costumes. O senhor sabe que a nossa comunidade, graças a Deus e aos meus modestos mas desvelados esforços, a nossa comunidade prima pela decência, pelos bons costumes e a moral elevada” (ABREU, 2018, p. 171), opta pelo silêncio, não nomeando este desejo, pois se fizer implicaria em confrontar-se com sua sexualidade e com a sociedade repressora. Tal aprisionamento mantém o indivíduo em constante frustração, na qual o silêncio e a introspecção são as únicas maneiras de existência.

Conclui-se, então, que o desejo reprimido pelo outro e o desejo de plenitude do ser, acarretam no sofrimento do homem, o aprisionando em si mesmo, em um corpo feito para liberdade, mas tencionado à dor e angústia.

“Meio Silêncio”

Partindo desse entendimento, pode-se compreender também a outra obra a ser analisada nesta seção, o conto “Meio Silêncio”. Assim como na obra anterior, aqui o vazio existencial e a busca por sentido são latentes. A crise existencial é manifesta pela ausência de uma identidade fixa e pela performance de gênero. Antes de adentrarmos à análise crítica e teórica do conto, façamos uma breve descrição do texto a fim de contextualizar os principais elementos narrativos, para, posteriormente, retomarmos à luz dos pressupostos filosóficos e literários.

O conto nos insere em uma atmosfera de introspecção angustiada. A história acompanha um personagem em meio à rotina repetitiva e apática de encontros e desencontros. A incessante busca por sentido em si ou no outro, em meio a lembranças fragmentadas, enquanto vagueia pela cidade e reflete silenciosamente sobre seus próprios afetos, desejos e frustrações. Dois estranhos se encontram, partilham a madrugada; o silêncio grita e a palavra é silenciada, por medo ou arrependimento de algo que não aconteceu ainda, e talvez nunca aconteça. Mantendo a sutileza, Abreu constrói uma narrativa repleta de não-ditos, no qual o anseio entre o desejo e a impossibilidade de expressá-lo e concretizá-lo atravessa todos os gestos e pensamentos das personagens. Em oposição ao primeiro conto, o homoerotismo é explícito, mas contido, revelando-se nos olhares, nos silêncios e na constante busca pela conexão com o outro.

O propósito da obra pode ser compreendido já em seu título, indicando a falta de respostas e a incomunicabilidade. Se em Schopenhauer o mundo é movido por um impulso cego e irracional, condenando o sujeito ao sofrimento, segundo a filosofia de Albert Camus, esse sofrimento parte do confronto entre a natureza irracional e a busca constante do ser humano por sentido, clareza e unidade. O universo é *silencioso*, não oferece respostas mediante às indagações humanas, essa desproporção entre o silêncio da natureza e os questionamentos humanos são o que Camus chama de absurdo. “O absurdo nasce desse confronto entre o apelo humano e o silêncio despropositado do mundo” (CAMUS, 2019, p. 30). E isso é notável nesta obra. Abreu reflete um mundo que não oferece consolo ou sentido às suas personagens, ao contrário, há uma busca inútil por sentido, restando às personagens somente os ecos de suas próprias angústias, reverberando em um mundo que permanece surdo diante seus clamores.

A incomunicabilidade, o silêncio e a contenção afetiva não são apenas recursos estéticos nesta obra, ao contrário, expressam a angústia do homem fragmentado, perdido e reprimido, sem um lugar ou palavras para expressar seu desejo. A estrutura narrativa é reflexo das tensões da década de 1970, nesse cenário de censura e repressão, o desejo homoerótico, há muito socialmente marginalizado, torna-se ainda mais taciturno entre a vontade de expressar-se e o risco da exposição.

A filosofia do absurdo de Camus revela que, através da leitura do conto, essa interrupção do desejo não se dá somente por fatores externos, mas faz parte da própria subjetividade das personagens de Abreu (CAMUS, 2018). A hesitação, a dúvida e o medo se sobrepõem diante da presença do desejo; medo de si, do outro, da sociedade e do desconhecido, medo que paralisa e impede o sujeito de *ser* em plenitude. Não há espaço para o comportamento homoerótico e o sujeito afoga-se na insaciável vontade de ser e desejar, vontade constantemente frustrada e imersa pela angústia da inadequação. A vontade sendo insaciável, conduz ao sofrimento, levando o indivíduo ao estado de completa miséria e apatia.

Atrelado ao vazio existencial e à frustração do desejo não realizado, é possível pontuar também nessa obra a performance de gênero. Ao analisarmos as personagens, nota-se que a interação entre elas se dá mediante a encenação de papéis que não correspondem necessariamente às suas essências e subjetividades, mas às exigências demandadas pela normatividade social. A performance se dá através de um comportamento minucioso, da linguagem corporal e das intenções que os personagens empreendem, sempre permeados pela angústia dos olhares alheios e pela autocensura praticada. Os sujeitos temem serem vistos em sua plena nudez existencial. A identidade humana não é algo fixo ou essencial, mas característica produzida e regulada por repetidas ações, gestos e códigos sociais.

Na obra, o silêncio que permeia a relação entre os dois homens é resultado de uma encenação compulsória, enquanto mecanismo de defesa e sobrevivência em uma sociedade que violenta dissidências de gênero e sexo (BUTLER, 2018). Entretanto, o desejo homoerótico, em certos momentos, devia-se ao roteiro performático imposto pela heteronormatividade, através de pequenos gestos de afeto, olhares ou a simples presença em um espaço libertário, nesse caso, o espaço é figurativo, a madrugada. Tais ações desviantes acabam por ser, também, uma performance, mas a diferir da performance imposta pela sociedade, essa se dá enquanto afirmação de uma sexualidade não-normativa, e por consequência, uma performance de gênero aquém da hererossexualidade, como exemplo, tomamos o seguinte trecho do conto: “O rosto dele próximo do meu [...] A sua mão toca no meu ombro, sobe pelo pescoço, me alcança a face, brinca com a orelha, alcança os cabelos.

[...] A sua boca vem baixando devagar, vencendo barreiras, colando-se a minha, de leve, tão de leve que receio um movimento, um suspiro, um gesto, mesmo um pensamento” (ABREU, 2018, p. 76).

Em síntese, em “Meio Silêncio”, Caio Fernando Abreu demonstra como a performance de gênero não está restrita às ações grandiosas, ela se dá, também, mediante sutis escolhas das personagens e como o desejo é expresso, consciente ou inconscientemente, subvertendo as expectativas normativas de gênero e sexualidade. Para finalizarmos a análise dessa obra, nos atentemos brevemente ao que diz Foucault sobre a normalização, a exclusão e o silenciamento daquilo que se desvia na norma socialmente imposta. Sob a análise de Foucault, a angústia das personagens de Abreu pode ser compreendida enquanto produto de instrumentos de poder que, ao longo da história, classificam, normatizam e nomeiam os corpos e desejos. Um dos principais instrumentos de poder utilizado é o discurso, como destaca Foucault ao dizer que “em toda a sociedade a produção do discurso é simultaneamente controlada, seleccionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por papel exorcizar-lhe os poderes e os perigos, refrear-lhe o acontecimento aleatório, disfarçar a sua pesada, temível materialidade” (FOUCAULT, 1996, p. 8-9).

Assim, indivíduos inaptos às adequações pré-estabelecidas socialmente, exploram a angústia ao não se encaixarem nesses preceitos normativos, em especial quando tais preceitos tangem a sexualidade. No conto, a angústia parte não apenas da subjetividade isolada, mas do enfrentamento de um sistema de normas que patologiza o homoerotismo, o desejo se converte em culpa, silêncio e medo.

3.2 Vozes mais livres: o desejo homoerótico nos contos da década de 80

Adentramos, nessa seção, à análise dos contos “Terça-feira Gorda” e “Sargento Garcia”, publicados no início dos anos de 1980, período de reabertura democrática e afrouxamento da censura. Esse novo contexto político possibilitou obras mais políticas, claras e objetivas, assim como as que serão analisadas aqui.

Para breve contextualização histórica, cabe destacar que o ano de 1978 foi um ano eleitoral decisivo: marcado por manipulações do regime militar para a perpetuação do poder, mas também uma oposição forte e organizada; o período eleitoral foi visto como vitória moral da oposição em um sinal claro de esgotamento do regime. Neste cenário, surge o primeiro periódico jornalístico a nível nacional voltado para o público homossexual, o jornal *Lampião*

da *Esquina*. James Green, organizador do livro *Ditadura e homossexualidades*, ressalta a importância do periódico, e como o mesmo e as demais publicações dissidentes e contrárias ao regime, fomentaram a liberdade e a pluralidade que tornaram possível os contos de Abreu a serem analisados. Nas palavras de Green sobre a importância do primeiro editorial do *Lampião da Esquina*:

[...] é um epítome da importante postura de rompimento da máscara de proteção que os gays e as lésbicas haviam criado para si nos anos de 1950 e 1960, sobretudo para garantir um pouco de sociabilidade longe dos estigmas sociais que marginalizam as pessoas, dos conceitos médicos que tratavam a homoafetividade como doença e da moral católica que considerava a homossexualidade pecado. Dessa forma, o editorial representou um apelo à interação com a sociedade brasileira cujo objetivo era suscitar outras atitudes a respeito do tópico de amor (e sexo) entre pessoas do mesmo sexo.
(GREEN, 2022, p. 177).

Desse modo, com a lenta e gradual abertura democrática, atrelada à crescente pressão da sociedade civil, Caio Fernando Abreu pode explorar com mais liberdade o desejo entre corpos marginais, o sexo entre semelhantes e a angústia pungente do ser homoerótico, elementos centrais dos contos “Terça-feira Gorda” e “Sargento Garcia”.

“Terça-feira Gorda”

Começamos, então, nossa análise pelo conto “Terça-Feira Gorda”, que demonstra de forma convincente a mudança de tom observada na literatura de Caio Fernando Abreu na década de 1980. O homoerotismo deixa de ser apresentado como um desejo sussurrado, oculto nas brechas da linguagem ou implícito em metáforas. As relações sexuais entre homens se revelam em uma dimensão física, sem pudor, completamente carnal.

Retomando brevemente Sartre, é importante salientar que o desejo é também uma manifestação perante a relação com o *outro*, tendo como eixo estrutural o *olhar*. O olhar do outro para si acarreta uma objetificação do ser: a liberdade, a subjetividade e a consciência são momentaneamente suspensas, o ser é então “coisificado” pelo olhar do outro, passa-se a buscar a totalidade e completude mediante a perspectiva do outro. Caio Fernando Abreu ilustra de maneira potente como o olhar do outro, seus pré-conceitos e as normas sociais tendem a aprisionar a subjetividade humana e objetificar o ser, o reduzindo a meras imagens predefinidas. Em um breve trecho do conto “Terça-feira Gorda”, esse conceito se exemplifica: “Nos empurravam em volta, tentei protegê-lo com meu corpo, mas ai-ai repetiam empurrando, olha as loucas [...] Veados, a gente ainda ouviu” (ABREU, 2018, p. 345).

E, mesmo sob o constante *olhar do outro*, a liberdade das personagens se concretiza e se confunde com a euforia coletiva do carnaval. Um momento em que o corpo encontra espaço para se expressar e se libertar das normas sociais. O carnaval serve, então, como metáfora para uma liberdade possível, mesmo que temporária. Assim, Caio permite que suas personagens se entreguem ao desejo e sejam plenamente quem são e desejam ser, rompendo a lógica opressora que caracterizou sua obra na década anterior. Entretanto, essa liberdade é ambígua: por um lado experimentam o prazer, bebem da liberdade; por outro, vivem sob a constante ameaça da violência. Violência essa por parte do Estado e da sociedade, que buscam controlar e oprimir corpos dissidentes. A história termina de maneira abrupta e brutal, mostrando ao leitor que mesmo em espaços tão carregados de ilegalidade e pluralismo, como o carnaval, indivíduos marginalizados ainda são alvos de opressão, ataque e morte.

Para compreender essa ambiguidade entre prazer e risco, é importante retomarmos o livro *História da Sexualidade*, de Foucault, que examina como os discursos sobre sexualidade estão sempre saturados de mecanismos de poder e controle. Para Foucault, existe um *dispositivo de sexualidade*, que visa não somente coibir discursos a respeito do sexo e proibir certos comportamentos, mas também, em certa contradição, incentivar e inflamar falas sobre a temática, para que os indivíduos confessem-se e por consequência possam ser estudados, classificados e posteriormente, controlados (FOUCAULT, 2014). Assim descreve Foucault, ao dissertar sobre a censura e o controle no seguinte trecho:

Supõe-se que essa interdição tome três formas: afirmar que não é permitido, impedir que se diga, negar que exista. Mas é aí que é imaginada uma espécie de lógica em cadeia, que seria característica dos mecanismos de censura: liga o inexistente, o ilícito e o infumável, de tal maneira que cada um seja, ao mesmo tempo, princípio e efeito do outro: do que é interdito não se deve falar até ser anulado no real; o que é inexistente não tem direito a manifestação nenhuma [...] e o que deve ser calado encontra-se banido do real como o interdito por excelência.
(FOUCAULT, 2014, p. 82)

Já a antropóloga norte-americana Gayle Rubin, em sua obra *Políticas do Sexo*, explica como as sociedades organizam a sexualidade dentro de sistemas de opressão que priorizam certas práticas e identidades em detrimento de outras. Pode-se exemplificar tal afirmação feita por Rubin, ao analisarmos o espaço físico em que o conto se passa, um bloco de carnaval na praia. Há uma disparidade em como a sociedade reage a demonstrações de afeto entre casais heteroafetivos e homoafetivos, havendo maior e mais clara tolerância e até uma romantização para com casais heteronormativos. A interação afetiva e sexual em blocos de carnaval, são extremamente comuns no Brasil, entretanto, no conto, o controle do corpo

dissidente se materializa na forma da vigilância constante e da violência que cessa o prazer transgressor, como no seguinte trecho “Ai-ai, alguém falou em falsete, olha as loucas” (ABREU, p. 345), culminando na brutalidade final. Rubin afirma existir uma hierarquia social de acordo com o comportamento sexual dos indivíduos:

Os heterossexuais que se casam e procriam estão sozinhos no topo da pirâmide erótica. Logo abaixo encontram-se os casais heterossexuais monogâmicos não casados, seguidos pela maior parte dos outros heterossexuais. [...] Os casais lésbicos e gays de longa data, estáveis, encontram-se no limite da respeitabilidade, mas sapatões caminhoneiras e homens gays promíscuos pairam sobre o limite dos grupos situados na parte mais inferior da pirâmide. [...] À medida que se vai descendo na escala de comportamentos sexuais ou ocupações, os indivíduos que os praticam se veem sujeitos à presunção de doença mental, falta de idoneidade, tendência à criminalidade [...].
(RUBIN, 2017, p. 71).

Dessa forma, explicita-se a violência e o pânico sexual. O conto, além da carnalidade do comportamento homoafetivo, diferenciando-se dos contos anteriores, explana como as instituições do Estado e da sociedade civil, unem-se na opressão e ataque à indivíduos com práticas sexuais e afetivas divergentes da heteronormatividade. Tencionando controlar e criminalizar práticas e identidades sexuais ao se utilizar como discurso a defesa da moral e dos bons costumes, além de desnaturalizar o comportamento, levantando questionamentos às normas sociais que, por consequência, levam à condenação e à violência.

“Sargento Garcia”

Seguindo a análise da violência institucionalizada à comportamentos homoeróticos, passamos então ao conto “Sargento Garcia”. Esta obra, dentre as analisadas, é a que conecta com maior profundidade os dois espectros discutidos no corpo desta pesquisa, o homoerotismo e a ditadura militar na obra de Caio Fernando Abreu. Se em “Terça-Feira Gorda” o prazer carnal é permeado pela violência, em “Sargento Garcia”, o autor explora, de maneira ímpar, o uso da homossociabilidade masculina e da tensão sexual enquanto metáfora e instrumento de subversão às opressões do regime militar, expondo a tensão entre desejo e a hierarquia conservadora masculinista. Nesta obra, o homoerotismo além de elemento de desejo, é também um modo disruptivo que desafia a hierarquia institucional militar e a construção dos padrões de comportamentos sociais.

A narrativa de “Sargento Garcia” segue o jovem Hermes em sua experiência com o alistamento militar. O condutor desta experiência, e que dá nome ao conto, revela, logo no

princípio da obra, sua postura agressiva e coercitiva enquanto forma de afirmação de poder masculinista e hierárquico imposto pelo sistema militar, pautado na violência simbólica e física. A agressividade visa testar a virilidade e a adequação aos padrões sociais normativos do que se espera da figura do homem, evidenciando um desejo por conformidade e anulação de traços vistos como não masculinos e a dissidência de gênero e sexualidade. Contudo, ao longo do conto, evidencia-se que esse desejo por conformidade encobre a real face do Sargento Garcia, sua homoafetividade. Pode-se compreender esta relação segundo a ideia de *má-fé* em Sartre, que consiste na mentira contada não somente para o outro, mas para si, negando a própria liberdade e responsabilidade de suas escolhas e de quem se é. Como abordado na seção 3.2, Sartre compreende que o ser humano está condenado a liberdade, havendo sempre o poder de escolha diante de si, a *má-fé*, então, surge quando o indivíduo nega a liberdade e busca identificar-se com o que não se é, em uma tentativa de coisificação da existência humana, havendo perda da individualidade e pluralidade do ser (SARTRE, 2015).

O comportamento de Sargento García, nítido pela violência explícita e disciplinar, pode ser compreendido enquanto tentativa de reafirmação de uma identidade masculina hegemônica profundamente instável. Nesse contexto, a *má-fé* sartreana se evidencia por meio de sua crueldade e desprezo pelos jovens recrutas, o sargento não apenas esconde sua animosidade emocional e sexual, de si mesmo e dos outros, mas também busca se mesclar à essência idealizada da masculinidade, por meio do autoritarismo, como escape da angústia que a liberdade traz de ser o outro, ou da liberdade de desejar o outro, e especificamente em relações homoeróticas, desejar o seu semelhante.

Trata-se, portanto, de uma negação ativa de sua própria condição existencial em favor de uma performance normativa baseada em poder e opressão. Tal lógica de negação é revelada ao leitor para além do eu interior do personagem, expandindo-se para os corpos dos demais. Nesse ponto, pode-se precisamente interligar a ideia de *má-fé* de Sartre com a interpretação de Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo*. Ao argumentar que o corpo do outro, especificamente o corpo feminino ou feminizado, é historicamente reduzido à condição de objeto e alteridade, na qual um grupo dominante, majoritariamente masculino, estabelece enquanto sujeito o homem e a figura comportamental sócio-histórica masculina, reduzindo ao papel de *outro* o ser dissidente, marginalizado e “inferior”. Nas palavras de Beauvoir:

É na angústia que o homem sente seu abandono. Fugindo à sua liberdade, à sua subjetividade, ele gostaria de perder-se no seio do Todo: aí se encontra a origem de seus devaneios cósmicos e panteísticos, de seu desejo de esquecimento, de sono, de

êxtase, de morte. Ele nunca consegue abolir seu eu separado: pelo menos deseja atingir a solidez do em-si, ser petrificado na coisa; é, singularmente, quando imobilizado pelo olhar de outrem, que se revela a si mesmo como um ser.
(BEAUVOIR, 1970, p. 10)

Assim, nega-se sua subjetividade e objetifica-se o ser. Seu desejo e suas vontades passam a ser desconsiderados e interpretados sob o viés do ser dominante, o sujeito masculino. O patriarcado constrói o corpo do outro como objeto, uma propriedade passível de violação, o corpo dissidente e marginal recebe legitimidade da sociedade, e por diversas vezes do Estado, para a dominação e uso da ordem e da masculinidade. Frantz Fanon, filósofo e psiquiatra francês, revela em sua obra *Pele Negra, Máscaras Brancas*, como o Estado exerce poder por meio da humilhação sistemática de corpos considerados desviantes. Apesar de em seu texto Fanon trabalhar sob a ótica dos papéis do colonizador e do colonizado, com ênfase nas questões raciais, pode se transpor suas ideias para uma interpretação a respeito de sujeitos homoeróticos. Trazendo para o contexto desta pesquisa, o papel do colonizador é semelhante ao papel do dominante masculino, e o do colonizado ao do sujeito homoerótico. Fanon detalha que corpos marginalizados são percebidos como primitivos, irracionais e sujos, a diferir do colonizador e o Estado ajuda na imposição de uma estrutura maniqueísta da sociedade ao dividir o mundo em dois espectros: o dos colonizadores, civilizados, racionais e humanos, fincados na figura masculina; e dos colonizados, seres irracionais, quase que animais necessitados da domesticação e da civilização de seus colonizadores (FANON, 2008).

As estruturas militares, como instrumentos simbólicos e práticos do Estado, funcionam como máquinas normalizadoras que disciplinam os corpos dissidentes das normas heteronormativas e da masculinidade obrigatória. Em “Sargento Garcia”, Abreu exemplifica essa violência materializando-a na figura de um militar que se revela sujeito a uma ordem que simultaneamente oprime e deseja enquanto nega sua própria subjetividade. O Sargento García revela, assim, a lógica distorcida do homoerotismo entre o desejo e a violência. Ainda segundo Fanon, há uma internalização da humilhação, criando em sujeitos divergentes um complexo de inferioridade, rejeição de sua própria identidade e a busca por ser como seu violentador, que representa as normas sociais e o ideal masculinista. Desse modo, há ao longo do conto uma tensão constante entre desejo e violência, explorada por Abreu enquanto contestação da autoridade impositiva do Estado ditatorial, que visa o domínio e controle de corpos para perpetuação do poder.

Para finalizarmos esta análise, e concluirmos nossa linha de raciocínio, utilizamos agora as reflexões de Georges Bataille. Em seu livro *Erotismo*, o filósofo francês compreende

o desejo sexual como uma experiência limitada, que por diversas vezes tange a ilegalidade, e a pseudo moral cristã. O erotismo é vivenciado entre Hermes e o sargento Garcia, como um espaço de conflito, revelado sob o véu da repressão, atingindo seu êxtase na forma de coerção e abuso. O prazer, para Bataille, não pode ser separado da dor, pois, a existência humana é perpassada por um constante movimento entre a descontinuidade do ser e a continuidade, que é fusão com o todo, com o outro (BATAILLE, 2020).

O desejo é repleto de medo e dominação, e nessa ambiguidade, em um contexto marcado por hierarquias autoritárias como a militar, a satisfação do desejo rebelde é contaminada pela violência que o reprime. O corpo que deseja também se torna o corpo que é punido, pois o desejo erótico quando levando ao seu extremo, como visto no conto, busca sempre por experiências de excessos, o que acaba por transgredir e violar os limites do outro. Não há um contentar com o prazer moderado, se anseia pela dissolução dos seus próprios limites e do outro, havendo uma perda de si, uma pequena morte do indivíduo. Ademais, caberia aqui também uma análise sob a ótica do sujeito violentado por essa dissolução dos limites, como vista na obra de Abreu, mas deixaremos para uma análise e interpretação posterior.

Por conseguinte, ao se analisar os contos “Terça-feira Gorda” e “Sargento Garcia”, evidencia-se como Caio Fernando Abreu intensifica sua crítica e seu olhar na década de 1980, a exposição do desejo homoerótico em contrapartida às estruturas de repressão e controle do Estado ditatorial. Nesse novo momento político, de reabertura democrática, o autor utiliza sua escrita para dar voz a sujeitos marginalizados que, embora experimentem brechas de liberdade, permanecem sob à vigilância e à violência de uma institucionalização heteronormativas e masculinistas. A literatura de Abreu emerge como espaço de subversão e denúncia para que o homoerotismo não apenas resista, mas que exponha os instrumentos de uma sociedade ainda marcada pelo autoritarismo e pela exclusão.

CONCLUSÃO

Dada a análise comparativa entre os contos das décadas de 1970 e 1980, revela-se uma transformação significativa na representação do desejo homoerótico na escrita de Caio Fernando Abreu. Nos contos “Meio Silêncio” e “O Afogado”, escritos durante o período mais brutal da ditadura empresarial-militar, o desejo é sutil, fragmentado e pontuado pelo silêncio e pela timidez, indicando personagens sobrecarregados pela angústia existencial e pelo medo da exposição em meio a repressão institucionalizada. Já em “Terça-Feira Gorda” e “Sargento

Garcia", escritos durante a reabertura democrática, o desejo é apresentado de forma mais direta, carnal e visceral, sofrendo constantemente com a violência simbólica e física de uma sociedade patriarcal masculinista. A comparação entre as obras nos permite compreender como o autor entrelaça o contexto histórico com a subjetividade de suas personagens ao mostrar como o desejo homoerótico é construído sob regimes opressivos, que visam impedir a existência do sujeito dissidente e por consequência a concretização desse desejo.

Esta pesquisa visou explorar a dualidade entre desejo e angústia nos contos homoeróticos de Caio Fernando Abreu, tendo como pano de fundo a ditadura militar-empresarial brasileira, por meio de uma abordagem qualitativa e interpretativa, buscou-se analisar como o autor constrói uma subjetividade contracultural marcada pela opressão histórica, política e social. Os resultados demonstram que o homoerotismo em Abreu é apresentado além da expressão do desejo sexual: é resistência linguística e simbólica contra a censura imposta pelo regime; e uma declaração de uma existência fora da heteronormativa, em constante tensão com a opressão e a censura.

Os resultados sugerem que, na obra de Abreu, o desejo homoerótico não corresponde a simplesmente enquanto temática narrativa, mas um espaço político de enfrentamento diante estruturas de poder. O homoerotismo, então, exerce além da função estética, um mecanismo de denúncia e subversão, juntamente com a angústia, expandindo os limites do que pode ser dito e combatendo os instrumentos de controle social. Portanto, a obra de Caio Fernando Abreu enfatiza a literatura como um espaço de rebeldia, na qual a marginalidade é reinterpretada como força criativa e a experiência contracultural revela toda a sua dignidade e complexidade.

O estudo apresentou algumas limitações, dentre elas a seleção limitada de apenas quatro contos do autor. Embora suficiente para uma leitura aprofundada e comparativa, essa abordagem não abrange toda a obra literária de Caio Fernando Abreu, além de privilegiar uma abordagem teórico-filosófica que se concentra no desejo, na angústia e na performatividade de gênero, excluindo possibilidades interpretativas diversas, como perspectivas psicanalíticas, interseccionais ou comparativas com outros escritores contemporâneos.

Por conseguinte, como caminho para pesquisas futuras, propõe-se uma análise interdisciplinar aprofundada que articule claramente gênero, raça e classe, e uma extensão da produção literária de Caio Fernando Abreu, incluindo romances, crônicas e cartas. Ademais, uma comparação com escritores *queers* latino-americanos que escreveram sob ditaduras poderia ampliar a compreensão da resistência estética de sujeitos dissidentes no mundo literário. Tal pesquisa pode enriquecer as discussões sobre sexualidade, subjetividade e

opressão, e contribuir para um entendimento mais amplo das conexões entre literatura e política.

Desse modo, pode-se concluir que a literatura de Caio Fernando Abreu é um importante espaço prático de resistência simbólica ao autoritarismo e à heteronormatividade. Criando personagens que transitam entre o desejo e a angústia, a afirmação e a censura, Abreu constrói um testemunho sensível e corajoso aos oprimidos, trazendo à luz a tensão do indivíduo na busca por ser e existir. Assim, esse estudo reafirma a importância da obra do autor para o campo do estudo literário, sob a perspectiva de gênero e sexualidade, ao contribuir para a compreensão da literatura brasileira como um espaço de denúncia, memória e resistência.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Caio Fernando. Sem vergonha de ter Aids. Entrevista concedida a Paulo Cesar Teixeira. **Isto é**. São Paulo, 5 de julho de 1995, p. 5-7.

ABREU, Caio Fernando. **Contos completos**. Rio de Janeiro, Editora Companhia das Letras, 2018.

BARCELLOS, José Carlos. **Literatura e homoerotismo em questão**. Rio de Janeiro, Editora Dialogarts, 2006.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. São Paulo, Editora Autêntica, 2020.

BEAUVOIR, SIMONE DE. **O Segundo Sexo**. São Paulo. Editora Difusão Europeia do Livro, 1970.

BESERRA DE VASCONCELOS, C. SANTOS LEMOS, M. DOS SANTOS FILHO, O. T. dos S. F. HOEVELER, R. C. H. A ditadura empresarial-militar, o grande capital e as lutas de classes no Brasil. **Germinal: marxismo e educação em debate**. V. 16, n. 1, p. 1–20, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/61609>

Acesso em: 29 de Maio de 2025.

BONES, Elmar. 1964. **Jornal Já**. Rio Grande do Sul, 2023. Disponível em: <https://www.jornalja.com.br/especiais/wp-content/uploads/sites/4/2023/04/1964-edicao-em-um-volume.pdf>

Acesso em: 15 de Maio de 2025.

BOSI, Alfredo. **Narrativa e resistência**. Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas, Universidade de São Paulo. p. 2. 1996.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 2003.

CAMPOS, Pedro. **Estranhas Catedrais: as empreiteiras brasileiras e a ditadura civil-militar (1964-1988)**. Niterói, Editora Eduff, 2014.

CAMUS, Albert. **Núpcias, o Verão**. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1979.

CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. Rio de Janeiro, Editora Record, 2018.

CASTRO, Mably Lopes de. **Um breve histórico da literatura homoerótica no Brasil**. Instituto de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, p.13. 2017.

COWAN, Benjamin. Nosso Terreno: crise moral, política evangélica, e a formação da nova direita brasileira. **Varia História**. Belo Horizonte, v. . 30, n. 52, p.101-125, Janeiro- Abril de 2014.

DURÃO, Fabio Akcelrud. **Metodologia da pesquisa em literatura**. São Paulo, Editora Parábola, 2020.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador, Editora EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Marisa. Lésbicas e a ditadura militar: uma luta contra a opressão e a liberdade. In: GREEN, JAMES. QUINALHA, Renan. **Ditadura e Homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. São Carlos, Editora Edufscar, 2021.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro, Editora Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo, Editora Loyola, 1996.

GASPARI, Elio. **Os documentos da Censura. Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 1978. Disponível em: <https://arquivosdaditadura.com.br/os-documentos>

Acesso em: 15 de Maio de 2025.

GREEN, James N; QUINALHA, Renan. **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. São Carlos, Editora EdUFSCar, 2022.

JÚNIOR, Luiz Fernando Lima Braga. **Caio Fernando Abreu: narrativa e homoerotismo**. Instituto de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, p. 262. 2006.

LAVORATTI, Carla. Ditadura e violência em *Zero, de Ignácio Loyola Brandão*: a literatura como resistência ao silenciamento. **Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, n. 14, p. 41-51, Fevereiro de 2015.

Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/18511/10909>

Acesso em: 12 de Maio de 2015.

LEAL, Kelly Márcia de Moura. **Homossexualidades, repressão e resistência em tempos de ditadura no Brasil**. São Carlos, Editora EdUFSCar, 2014.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo, Editora Martins Fontes, 2018.

MORICONI, Italo. **Os cem melhores contos brasileiros do século**. Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**. São Paulo, Editora Companhia das letras, 2009.

OLIVA, Osmar Pereira. Amizade masculina e homoerotismo em Dom Casmurro. **Machado de Assis em Linha**. São Paulo, v. 10, n. 22, p. 74-93, dez. 2017.

Disponível

em:

<https://www.scielo.br/j/mael/a/r5RchLcKWghzsnNqNkf9wc/?lang=pt&format=pdf>

Acesso em: 7 de Julho de 2025.

PINHEIRO, Douglas. **Autoritarismo e homofobia: a repressão aos homossexuais nos regimes ditatoriais cubano e brasileiro (1960-1980)**. Universidade de Brasília, p.30. 2018

QUINALHA, Renan Honório. **Contra a moral e os bons costumes: A política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)**. Instituto de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, 2017, p. 329.

REIMÃO, Sandra Lúcia Amaral de Assis. **Repressão e resistência: censura a livros na ditadura militar**. Escola de artes, ciências e humanidades, Universidade de São Paulo, 2011.

RUBIN, Gayle. **Políticas do Sexo**. São Paulo, Editora Ubu, 2017.

SARTRE, Jean-Paul. **Ser e o nada: Ensaio de ontologia fenomenológica**. São Paulo, Editora Vozes, 2015.

SCHWARZ, Roberto. **O pai de Família e outros estudos**. São Paulo, Editora Paz e Terra, , 2009.

SOUZA, Warley Matias. **Literatura homoerótica: o homoerotismo em seis narrativas brasileiras**. Instituto de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2010, p.155.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia a atualidade**. Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2018.